

Artigo recebido em:
17.02.2019
Aprovado em:
29.03.2019

Amanda Souza de
Miranda

Jornalista graduada pela
UFSC; doutora pelo Pro-
grama de Pós-graduação
em Jornalismo da UFSC;
professora da Faculdade
Ielusc.

E-mail: amanda.souzade-
miranda@gmail.com

A crítica de mídia na circulação dos memes de um episódio do programa jornalístico *Bem Estar*

Amanda Souza de Miranda

Resumo

Toma-se como pressuposto a ideia de que a crítica do produto jornalístico feita pela audiência, baseada em seus repertórios sobre o que é e o que deve ser o jornalismo, indica questionamentos e tensões que devem ser observadas analiticamente. O objetivo deste estudo é apresentar um conjunto de interações com base em um episódio do programa *Bem Estar* que se transformou em meme nas redes sociais e compará-las a categorias da crítica acadêmica. Este exercício permite que se perceba congruências e afastamentos entre críticos que ocupam lugares diferentes, o que resulta, muitas vezes, em expectativas partilhadas sobre o que o jornalismo oferece, a partir de seus personagens, gêneros e modos de produção.

Palavras-chave: Crítica de mídia. *Bem Estar*. Televisão.

Media criticism in the memes circulation of an episode in the *Bem Estar* program

Abstract

The assumption in this paper is that the journalistic criticism which is done by the audience, based on their understanding on what journalism is and what should be, indicates questions and tensions that must be observed analytically. The purpose of this study is to present a sample of interactions based on an episode of the *Bem Estar* program that became a meme in social networks, to compare them to the academic criticism. This exercise is important to discuss congruences and differences between critics who are occupying different places. This often results in shared expectations about what journalism offers, its characters, genres and modes of production.

Key words: Media criticism. *Bem Estar*. Television.

O objetivo deste artigo é discutir a crítica popular social do jornalismo, feita a partir da observação de um fenômeno de memificação de um episódio do programa *Bem Estar*¹, matinal exibido pela Rede Globo, delimitando pontos de convergência com categorias e temáticas cercadas pela crítica acadêmica. A ideia é compreender como os discursos do que é e deve ser o jornalismo encontram-se e se distanciam a partir dos diferentes lugares ocupados pelo crítico.

¹Um mês após a submissão deste artigo, o programa *Bem Estar* passou por uma sequência de mudanças editoriais, que começou pela sua migração do setor de jornalismo para o de entretenimento, passou pelo rompimento do contrato com o apresentador Fernando Rocha, o pedido de demissão da apresentadora Mariana Ferrão e, por fim, sua inserção no *Encontro* com a Fátima Bernardes, como um quadro fixo. Estas mudanças podem sinalizar fenômenos que demandam mais tempo de investigação, pois comprovam que a indústria toma suas decisões por motivações alheias a quaisquer outros interesses. Na ocasião em que realizamos nossa etnografia, em setembro de 2015, o programa vinha bem na audiência, oscilando em primeiro e segundo lugar.

²O conceito de hibridação de Canclini projeta relações entre partes que se encontram, muitas vezes em posições dicotômicas, e que formam um novo objeto. No caso do jornalismo especializado em saúde, entende-se essa hibridação como o encontro dos campos do jornalismo e da saúde, com suas particularidades, similaridades e elementos de tensão.

Ao investigar este lugar em que distintos críticos se encontram com uma visão muitas vezes comum sobre o que é o jornalismo, identifica-se, de algum modo, o que a sociedade espera desta prática cultural, nos moldes do que o francês Jacques Rancière chamou de “partilha do sensível”, sendo este um “sistema de evidências sensíveis que revela, ao mesmo tempo, a existência de um comum e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas” (RANCIÈRE, 2005, p. 15).

Para Silva (2017, p. 9), pode-se questionar “sobre as naturezas da crítica de mídia, os lugares nos quais se encontra, quais sujeitos a praticam, que diferenças há entre análise e crítica de mídia, quais são as perspectivas teóricas que a orientam”. De algum modo, este artigo investe no que a pesquisadora chama de “interações sociais de crítica, nas quais receptores criticam de maneira dispersa e informal materiais veiculados nas mídias”. Ao mesmo tempo, busca nessa dispersão e informalidade aquilo que a crítica acadêmica sistematiza de outro modo, a partir de seus métodos e referenciais teóricos.

Toma-se como pressuposto a ideia de que a crítica do produto jornalístico feita pela audiência, baseada em seus repertórios sobre o que é e o que deve ser o jornalismo, indica questionamentos e tensões compartilhados social e culturalmente. De acordo com Silva e Soares (2013, p. 829), a premissa de que crítica de mídias é crítica cultural pressupõe termos “que obrigatoriamente nos colocar dentro de uma discussão sobre estética e ética, forma e conteúdo, técnica e valor”. Isso significa dizer que existe um conjunto de discussões estéticas, éticas, de forma, conteúdo, técnica e valor que não demandam uma especialização e que incidem diretamente em modos de ver e sentir que são partilhados em determinado momento por uma sociedade.

Neste texto, apresentamos uma comparação sobre dois diferentes lugares de crítica que se assemelham, mas também se contrapõem a partir de um ideal, de uma expectativa sobre o que o jornalismo deve ser. Este ideal, ao mesmo tempo em que é compartilhado, também é tensionado a partir do que o acadêmico investiga com distintas metodologias e do que a audiência responde com base em suas experiências de consumo/recepção/empíria.

Características do programa *Bem Estar*

Para discutir as semelhanças e diferenças entre a crítica acadêmica e a crítica popular-social elaboradas em função de um episódio de um programa jornalístico, faz-se necessário apresentá-lo em suas principais características, destacando que sua descrição já é, por si, um exercício crítico, pois busca no objeto marcas do seu gênero, formatos e possibilidades por ele engendradas.

Esta descrição é baseada na crítica elaborada em tese de doutorado, na qual se investiga os fenômenos de hibridação das narrativas do saber médico com o universo simbólico do popular. Naquele estudo, analisa-se um conjunto de dez episódios do matinal e empreende-se uma incursão etnográfica para compreender a origem de suas narrativas e os diferentes momentos de hibridação, na conceituação de Nestor Garcia Canclini².

O *Bem Estar* é um programa jornalístico exibido pela Rede Globo, de segunda a sexta-feira, durante as manhãs, na faixa de horário situada entre dois produtos de entretenimento: o programa *Mais Você*, apresentado pela comunicadora Ana Maria Braga, e o talk show *Encontro com Fátima Bernardes*, ancorado pela jornalista. Isso, por si só, e tendo em conta a noção de fluxo estabelecida por

Williams (2016), denota um primeiro gesto de hibridação, pois o fluxo nos permite identificar uma estrutura narrativa semelhante entre produtos exibidos numa mesma faixa de horários. Considera-se, assim, que “o programa de fato oferecido é uma sequência ou conjunto de sequências alternativas (...) que assim ficam disponíveis numa única dimensão e numa única operação” (WILLIAMS, 2016, p. 94).

De todo modo, o *Bem Estar* é considerado pela própria emissora como jornalístico, ainda que sua redação esteja deslocada fisicamente do espaço compartilhado pelos produtos de *hard news*. Em entrevistas realizadas com cinco membros da equipe³, pelo menos três asseguraram que, embora situado entre os produtos jornalísticos, o matinal se assemelhava ao infotainment, justamente uma hibridação entre informação e entretenimento.

O programa estreou em fevereiro de 2011 – e foi o primeiro, em 35 anos, a entrar na grade jornalística diária da Rede Globo. Com duração média entre 30 e 40 minutos, o *Bem Estar* traz discussões sobre saúde, elaboradas em VTs e em um estúdio compartilhado pelos apresentadores Mariana Ferrão e Fernando Rocha, ambos jornalistas, e por médicos ou profissionais da saúde convidados ou contratados pela emissora.

Logo na primeira edição, a jornalista Mariana Ferrão explicou à audiência o que era o *Bem Estar* e quais as suas finalidades. “É um programa útil, que vai mexer com todo mundo, afinal, saúde é a principal preocupação do brasileiro”, disse. Esta ideia de utilidade é o que prevalece nas edições, conforme explicou a editora chefe, Patrícia Carvalho, em entrevista realizada em setembro de 2015: “Você não assiste três minutos de saúde em vão. Você sempre leva alguma coisa no bolso”.

Estas características de utilidade e adesão às lógicas da medicina para falar sobre saúde se somam ainda a uma terceira questão marcante que emerge no programa: sua estética composta por cenários flexíveis (o fixo simula os cômodos de uma casa), por demonstrações apresentadas em parceria pelos apresentadores e médicos e pela carga melodramática a partir da qual dialogam com a audiência. Como as edições são temáticas, ou seja, tratam sempre de uma grande pauta, esses cenários, objetos e recursos cênicos dialogam com o assunto abordado.

O que chamamos de carga melodramática está definido como um gesto de aproximação das narrativas científicas com o universo simbólico do popular, como um movimento de hibridação entre diferentes modos de dizer que se aproximam em um produto popular-massivo. O melodrama surge aqui como recurso estético capaz de sensibilizar a audiência, fazendo-a se emocionar, mas também rir, com a adesão a um estilo de humor bem particular, associado quase sempre à figura do apresentador Fernando Rocha, o que Martín-Barbero (2013) chama de apresentador circense.

Esta breve apresentação do *Bem Estar*, além de ser uma primeira demonstração dos resultados de uma crítica acadêmica, situa-o como um produto cultural com características híbridas, mas cuja categorização como produto jornalístico levará a uma série de expectativas por parte da audiência, que incidem diretamente num exercício constante de vigilância sobre seus modos de dizer e sobre a atuação dos personagens da sua narrativa.

A recriação narrativa na circulação de um meme

O episódio “memificado” do *Bem Estar* aqui analisado foi exibido no dia 24 de julho de 2018 e tinha como tema os exames que antecipam doenças do coração. O consultor convidado era o cardiologista e professor Roberto Khalil, que tem contrato com a emissora e participa do matinal desde a sua estreia. Além dele, o médico Luiz Francisco Ávila também estava no estúdio. Logo na abertura do programa, que, de acordo com a experiência etnográfica é a única parte do roteiro que deve ser lida no teleprompter, o apresentador Fernando Rocha improvisa um texto, em meio a gargalhadas.

Todo mundo sabe, desde que o mundo é mundo, que a vida é feita de encontros e despedidas. Despedidas são mais tristes, emocionantes, né? Fiquei sabendo de uma história de despedida

³As entrevistas foram realizadas entre 29 e 30 de setembro de 2015, na sede da Rede Globo em São Paulo (SP).

tão emocionante, tão sofrida. Sabe qual? A despedida da clara com o ovo. Mas aí ela só não é tão triste porque a clara chega pro ovo e fala assim: 'Não fica triste, não. A gente se vê dentro do bolo!' 'A gente vai se encontrar dentro do bolo! Agora você imagina o encontro da clara com o ovo dentro do bolo!' (Trecho do texto do apresentador Fernando Rocha no programa Bem Estar, exibido em 24 de julho de 2018).

Em meio às inusitadas gargalhadas do apresentador, que tentava estabelecer um link da piada com os exames cardiológicos de tecnologia avançada que pautavam o programa, houve espaço para o consultor Roberto Khalil exibir seu desconforto com a cena: “*Não gostei muito, não foi muito legal esse começo de programa... Não deu muito certo*”, disse, sorrindo timidamente.

Pouco tempo depois o episódio já estava circulando nas redes, em um efeito viral, quando a repercussão se torna incontrolável e acaba pautando também os veículos da imprensa. Além de circular no Twitter, em postagens com mais de 22 mil interações, o trecho da abertura também circulou no Facebook e no Youtube, por meio de diferentes perfis, estimulando a interação e os comentários na rede.

O efeito de memificação acompanhou a viralização. A alegria e as gargalhadas do apresentador, em contraste com a timidez e o olhar de censura do médico, foram utilizados no Twitter e no Facebook, em diferentes interpretações do fato e recriações da narrativa. Enquanto alguns exploravam as expressões de desconforto do médico, outros faziam graça da ação de Rocha.

Conforme Sékula (2016, p. 125), nos memes da internet “os modos de organização discursiva operam em outra vertente”, com características distintas às do jornalismo, “já que suas condicionantes são superadas na medida em que a credibilidade deixa de ser uma finalidade em si mesma e os processos de captação da informação ocorrem de forma não sistemática”. De acordo com ele, “a paródia é convidada a fazer parte de um jogo que busca revelar aspectos escondidos por trás das cenas que toma como referência”, originando um “reenquadramento da informação através de seu contraponto”.

Sob essa lógica, um produto jornalístico que é convertido em meme pode ser também apreciado como um exercício de crítica, pois aponta para uma releitura e um reenquadramento da narrativa original, oferecendo ao público “novos posicionamentos e possibilidades discursivas” (SÉKULA, 2016, p. 125).

Na imagem abaixo, por exemplo, sugere-se o compromisso da fonte, um médico reconhecido e prestigiado, com a credibilidade de um programa ao vivo. Já na segunda imagem, o humor traz à tona a ciência como fonte da reconstrução narrativa, pois o programa sobre saúde trata suas pautas amparado na lógica da racionalidade científica.

Figura 1 - Meme do médico Roberto Khalil

Nota da revista EJM: a qualidade das imagens é de responsabilidade dos(as) autores(as) do artigo.



Fonte: Internet

Figura 2 - Meme do apresentador Fernando Rocha

Fonte: Internet

A circulação do fato em veículos da imprensa também não tardou a ocorrer. Seu efeito viral e a memificação, que se prolongou por dias, tornou-se pauta em veículos digitais como *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo*, e em revistas como *Istoé* e *Superinteressante* – esta última acabou entrando no circuito dos memes, como sinaliza a imagem 3, compartilhada em postagem no Facebook.

Figura 3 - Revista usou o episódio para produzir novas narrativas

Fonte: Internet

O efeito da graça e do riso sugeridos pelo episódio e compartilhados pela audiência, entretanto, não foi um fenômeno homogêneo. Enquanto os produtores dos memes investiram em paródias e enquadramentos alternativos do fato, parte da audiência questionou a postura do apresentador e o programa, destacando o papel da audiência como crítica e reforçando sua capacidade de ressignificar mensagens.

Um sistema de respostas

As repercussões dos produtos jornalísticos junto à audiência mobilizam um conjunto de interações que podem ser consideradas como integrantes de um “sistema de interações sociais sobre a mídia” (BRAGA, 2006) e que indicam expectativas com relação ao jornalismo e suas funções.

⁴O fato de o apresentador ter errado na explicação do raciocínio também foi incorporado como meme pela audiência. Ao invés de falar da clara e da gema ele fala da clara e do ovo, trazendo mais um elemento para a sátira.

De acordo com Braga (2006), há um terceiro sistema de processos midiáticos na sociedade, para além dos circuitos de produção e recepção, que seriam as “atividades de resposta produtiva e direcionadora da sociedade em interação com os produtos midiáticos” (BRAGA, 2006, p. 22). O pesquisador chama esse sistema, do qual toda a sociedade que consome produtos midiáticos é integrante, de “sistema de resposta social”.

Ainda conforme Braga, “as proposições ‘circulam’, evidentemente trabalhadas, tensionadas, manipuladas, reinseridas nos contextos mais diversos” (BRAGA, 2006, p. 28), o que significa admitir que o sistema de respostas tem ação permanentemente difusa, pois “o jornal pode virar papel de embrulho e lixo, no dia seguinte, mas as informações e estímulos continuam a circular” (BRAGA, 2006, p. 28).

As respostas aos memes, portanto, continuam a ocorrer, assim como o programa será sempre alvo de respostas (algumas de maior e outras de menor repercussão). O fato de ter se tornado um viral, entretanto, mobilizou uma ampla parte do sistema a discutir diferentes parâmetros, como credibilidade, seriedade e responsabilidade no jornalismo, parâmetros estes que também são alvo da crítica acadêmica.

Considerando a crítica como “um processo mais amplo e diversificado do que o trabalho analítico desenvolvido por teóricos e intelectuais” (BRAGA, 2006, p. 46), analisamos a interação da audiência com diferentes memes que circularam nos dias 24 e 25 de julho. Os motores de busca foram “apresentador do *Bem Estar*”, “Fernando Rocha” e “meme da clara e do ovo”⁴.

A pré-seleção inicial envolveu um conjunto de mais de 100 comentários, coletados no Twitter, no Facebook e no Youtube. Apesar de haver respostas positivas por parte da audiência à ação do apresentador, poucas apresentavam elementos razoáveis para análise: resumiam-se a risos ou interações com emojis, além de frases genéricas, como “melhor apresentador” ou “adoro ele”. As interações de crítica negativa, entretanto, apresentavam mais elementos analíticos de expectativas com relação ao compromisso que o jornalismo assumiria com seu público e passaram a ser agrupadas em três categorias, que se associam aqui, a pares com parâmetros tradicionais de crítica acadêmica.

Quando a audiência critica a credibilidade da fonte e do jornalista, sugerindo que ambos têm um papel a desempenhar, um *script* que seja constitutivo da credibilidade do programa, vê-se uma ideia preliminar do que propõem as análises da narrativa, a partir da identificação dos personagens e de como eles performam. A crítica popular feita quanto à seriedade do *Bem Estar*, por outro lado, revela uma expectativa com relação ao seu gênero informativo, que é como o matinal se apresenta à audiência. Por fim quando fala sobre as atribuições e responsabilidades de um apresentador em um programa vivo, o receptor aciona um repertório que o crítico acadêmico domina a partir do reconhecimento dos modos de produção de um programa de TV, no caso, aqui, de um programa ao vivo. Para fins de apresentação, sistematizamos:

a - A credibilidade da fonte e do jornalista (crítica popular) / a identificação dos personagens nas narrativas jornalísticas (crítica acadêmica).

b - A seriedade do programa (crítica popular) / a identificação do gênero e do formato do *Bem Estar* (crítica acadêmica).

c - As atribuições e responsabilidades de um apresentador em um programa ao vivo (crítica popular) / a identificação dos modos de produção de um programa jornalístico (crítica acadêmica).

Na sequência, apresentaremos os resultados desta análise, trazendo, em primeiro plano, aspectos da crítica popular, feita pela audiência, e tensionando-as com categorias tradicionais e conceitos usuais na crítica acadêmica. Tomamos como base da crítica acadêmica resultados coletados em um estudo de doutorado que investigou a

hibridação nas narrativas do *Bem Estar* (MIRANDA, 2018). Esta comparação permite um duplo movimento: o primeiro no sentido de registrar que existe uma crítica partilhada sobre o jornalismo, ainda que feita em lugares distintos e com objetivos diferentes, o segundo no sentido de viabilizar uma crítica popular mais vigilante a partir de categorias e conceitos tradicionais da crítica acadêmica.

A credibilidade da fonte e do jornalista e a identificação dos personagens nas narrativas jornalísticas

No sistema de resposta social coletado a partir da interação dos usuários com os memes ou com as notícias que divulgavam o viral, há um reforço na expectativa de que o jornalista e a fonte devem ter credibilidade, o que no episódio em questão só estaria assegurado pelo médico, que fica aparentemente constrangido com a ação do apresentador.

No Youtube, a usuária Rose Salles Castilho indica que o médico merecia ser abordado de outra forma pelo apresentador, registrando um posicionamento que indica uma expectativa não cumprida de seriedade por parte do jornalista. “Dr Calil não precisa dos parabéns e sim de um programa que esteja a altura de uma boa reportagem. O próprio médico viu a palhaçada e bobagens ditas.” (Comentário coletado no Youtube, em 5 de setembro de 2018).

No Twitter, uma das interações selecionadas também sugere a existência de uma dicotomia no papel do médico e do apresentador do programa, que ocupam posições distintas no momento que gerou o efeito viral. “O médico pensando: ‘Qual será a idade mental dele para achar graça numa piada tão desgraçada como essa?’”, questionou o usuário @hugoleonardods.

Também no Youtube, há comentários que questionam a credibilidade do apresentador, o que sugere uma compreensão e uma expectativa de “seriedade” por parte do jornalista, tal qual a que guia o médico. “Que vergonha. Se fosse na RedeTV!, mas como a Globo deixa passar uma coisa dessas? Como põe um homem como esse todo dia de manhã apresentando um programa?”, comentou Marcio Claesen1. “Felizmente estou trabalhando e nunca assisti esses programas mas o pouco que acompanho na mídia vejo que essa emissora tem alguns apresentadores muito fraquinhos”, sinalizou um usuário sem identificação.

A ideia de que o jornalista deve ser sério, compartilhada nesses comentários, também foi endossada pela ‘punição’ que a fonte imprimiu ao apresentador, repreendendo-o publicamente. As interações e respostas sociais revelam que a fonte especialista mantém a sua credibilidade e seriedade, enquanto o jornalista a põe em xeque, frustrando expectativas sobre como deve se comportar.

Aqui, a crítica acadêmica que considera produtos jornalísticos também como narrativas, histórias contadas por alguém para uma audiência, pode analisar esses personagens a partir do papel que desempenham e também da sua performance. O médico, por exemplo, é personificado como um herói, alguém capaz de curar e de defender a vítima da vilania das doenças. O apresentador, por outro lado, é caracterizado como um personagem bem humorado – sua função narrativa é dar emoção aos textos, seja esta de surpresa, alegria ou riso. Um telespectador ativo do *Bem Estar* não chega a se chocar com a graça e os traquejos de Fernando Rocha, pois esse é seu papel, também delimitado pela produção do programa e reconhecido pela colega de bancada, Mariana Ferrão:

Acho que a própria divisão e diferença entre os próprios apresentadores também traz isso, porque eu sou muito mais ligada à informação e o Fernando é muito mais ligado ao entretenimento. Então acho que essa característica também é híbrida na personalidade de nós dois. Então acho que também ajuda a gente estar nesse meio termo (Mariana Ferrão, apresentadora, em entrevista concedida à autora em 29 de setembro de 2015).

Compreender que há programas que trabalham no limiar de universos de linguagem diferentes é compreender, também, que a televisão é mídia popular e investe em recursos estéticos para sensibilizar a audiência para além da informação.

As atribuições e responsabilidades de um apresentador em um programa ao vivo e compreensão dos seus modos de produção

O sistema de respostas sociais coletadas neste estudo também indica que há, no usuário das redes estudadas, um reconhecimento acerca das responsabilidades de um âncora em um programa ao vivo, o que fica evidente no grande volume de comentários que mencionam o sentimento de “vergonha alheia” – ou de constrangimento pelo desempenho de Fernando Rocha.

Marcio Clasesen³ usou o Youtube para compartilhar o que chamou de “vergonha”: “*Que vergonha. Se fosse na RedeTV!, mas como a Globo deixa passar uma coisa dessas? Como põe um homem como esse todo dia de manhã apresentando um programa?*”, reforçando sua expectativa com relação à qualidade dos programas da emissora e à sua frustração com o episódio.

Já Eddy Peeh expôs, no Facebook, a sua tensão ao acompanhar o programa ao vivo, revelando a quebra de contrato com relação ao que esperava e ao que de fato ocorreu naquele episódio. “*Gente foi horrível quem assistiu ao vivo foi tenso demais. Eu morri de vergonha e o pior foi o médico convidado falando na cara dele que a abertura do programa ficou péssima!!! Eu hein*”. Algo semelhante foi comentado por @banddito, no Twitter: “*gente eu vi isso ao vivasso tive que me esconder e trocar de canal porque foi muito vergonha alheia*”.

Estas interações revelam que os usuários conhecem relativamente bem as dinâmicas de um programa ao vivo, sujeito a imprevistos, e que se sentem frustrados quando ele sai do *script*. Fosse um programa de humor, talvez a piada não gerasse tamanho constrangimento, mas o fato de acontecer em um programa jornalístico leva o telespectador à compreensão de que algo, no gênero, não ocorreu conforme o planejado e conforme o esperado.

Discutir os modos de produção da notícia possibilita um avanço nas possibilidades de crítica, tal como se apresenta na crítica acadêmica. Isso porque, em muitos momentos, a crítica que se dirige ao produto está, na verdade, tensionando as rotinas jornalísticas. Na crítica acadêmica, além das experiências etnográficas, os estudos de *newsmaking* têm sido utilizados como opção metodológica.

Novamente, entram em jogo aqui as expectativas da audiência manifestas por suas interações com os memes: o sentimento de constrangimento com o que parece um erro, o sentimento de que o apresentador comporta-se de um modo inadequado perante a fonte e até mesmo de que a emissora não sabe escolher o melhor apresentador para seus produtos.

No caso do *Bem Estar*, na crítica acadêmica, percebe-se que tanto Fernando Rocha como Mariana Ferrão, ativos desde a estreia do *Bem Estar*, são peças chave nos processos produtivos do programa. Além de participarem das reuniões de pauta, têm autonomia durante a edição ao vivo, ainda que haja um compromisso bastante forte com o roteiro. Esta saída brusca do roteiro, imprimindo um tom excessivamente bem humorado à abertura, pode ter lhe gerado alguma sanção, como indicou a colunista Keila Jimenez, do *Portal R7*⁵, mas é resultado de rotinas e processos efetivados ao longo da história.

Considerações finais

A crítica acadêmica, executada em estudos científicos, com métodos e características próprias, e a crítica popular do jornalismo, feita pela audiência, compõem um sistema de respostas hábil em nos permitir olhar para os seus produtos a partir de expectativas sobre o que o jornalismo é e o que ele deveria ser. Tais expectativas

⁵<https://diversao.r7.com/prisma/keila-jimenez/apresentador-do-bem-estar-leva-bronca-apos-piada-vergonha-alheia-27072018>. Acesso em 20 de setembro de 2018

são compartilhadas social e culturalmente e alimentam imaginários sobre a prática e sobre a profissão, o que faz, muitas vezes, com que esses lugares de críticas se aproximem. Assim, ainda que a crítica popular se apresente de uma maneira espontânea, com termos próprios das interações da Internet e até com emojis, é possível mapear padrões e categorias que são também utilizadas na crítica acadêmica, especialmente naquela que assume um caráter mais normativo.

Tais características poderiam ser tratadas como coincidência, mas esse adjetivo tiraria do público seu protagonismo no processo comunicativo. Dos mais de cem comentários que coletamos, e de todos aqueles que aqui apresentamos, é possível reconhecer um padrão de quem reconhece o papel e a função do jornalismo e, por isso, critica seus produtos livremente quando este rompe com suas expectativas.

Quando acompanhamos a repercussão do episódio aqui analisado, percebemos que os telespectadores que comentavam tinham algo a dizer sobre o programa e viram no meme um bom espaço para isso, para a manifestação de suas críticas. Estas, por sua vez, pareciam oscilar entre respostas a uma ruptura no contrato de comunicação e uma dificuldade em reconhecer características explícitas do produto. Esta não foi a primeira vez que um episódio do *Bem Estar* gerou ampla repercussão. Em 2015, uma edição em que uma nutricionista criticava o óleo de coco também viralizou, gerando uma polêmica sobre o processo de seleção das fontes do programa, já que a especialista era consultora de uma indústria produtora de óleo de canola. As respostas sociais se dirigiam à tensão entre o compromisso público do jornalismo e sua natureza privada.

A viralização de um meme, também neste caso acima, permitiu que as críticas fossem um tanto mais amplas, atingindo telespectadores que sequer assistem ao programa, mas foram procurá-lo para participar de um momento que estava circulando amplamente. É importante reforçar, novamente, que há um imenso volume de comentários positivos à brincadeira, mas que estes não foram objeto de análise por não trazerem elementos que nos permitissem aprofundar a reflexão.

O exercício de mapear diferentes críticas, categorizá-las e contrastá-las com a crítica acadêmica é importante no sentido de pensar que há uma expectativa sobre o jornalismo compartilhada por críticos que ocupam posições distintas. Além disso, nos permitiu refletir sobre parâmetros que podem qualificar a crítica, contribuindo com a formação de um sistema de respostas mais eficaz no debate social sobre a mídia. Reconhecer os produtos jornalísticos como narrativas, identificar seus gêneros e formatos e ser capaz de compreender seus modos de produção mais visíveis são elementos que podem qualificar a crítica e também o objeto criticado.

Referências

BRAGA, J. L. **A sociedade enfrenta sua mídia**: dispositivos sociais de crítica midiática. São Paulo: Paulus, 2006. 341 p.

CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas** – estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

MARTÍN-BARBERO, J, M. **Dos meios às mediações**. Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro. UFRJ, 2013.

MIRANDA, A.S.D. **Narrativas híbridas do científico e do popular no jornalismo especializado em saúde**. 2018. 260 f. Tese (Doutorado) - Curso Pós-Graduação em Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

RANCIÈRE, J. **A partilha do sensível**. São Paulo: EXO experimental. Ed. 34,. 2005.

SÉKULA, R.J. **Os memes como exercício de contrapoder a discursos político-midiáticos**: uma reflexão a partir dos debates eleitorais de 2014. 2016. 238 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

SILVA, G. **La crítica de la cobertura periodística en una revista académica española y una revista brasileña**1. In: IAMCR Conference 2017. Disponível em: <http://cartagena2017.iamcr.org/iamcr-2017-abstract-books/>. Acesso em: 18 de julho de 2017.

SILVA, G; SOARES, R. de L. **Para pensar a crítica de mídias**. Famecos (Porto Alegre), v. 20, n.3, pp.820-839, 2013.

WILLIAMS, R. **Televisão**: tecnologia e forma cultural. São Paulo: Boitempo; Belo Horizonte: PUC Minas, 2016.